

Um Olhar, um Pensar e um Compromisso Psicanalítico a partir do filme “Tudo sobre minha mãe” de Pedro Almodóvar

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

“Physical beauty is passing. A transitory possession. But beauty of the mind and richness of the spirit and tenderness of the heart... aren’t taken away, but grow!”

Blanche (Tennessee Williams, *A streetcar named desire*, 1947, p. 126)

Este trabalho, inspirado no legado de Freud, é uma tentativa de compreender a alma humana em suas variadas revelações culturais, artísticas, sociais, míticas etc. A psicanálise revoluciona e subverte, no início do século, o saber racional estabelecido sobre o humano quando, ao desafiar a filosofia de sua época, descobre o inconsciente na compreensão psíquica do homem. Um autêntico corte epistemológico na história da ciência é instaurado. Inconsciente este que, conceitualizado como instância psíquica, *o substantivo* na primeira tópica, muda de estatuto e complexidade na segunda tópica, sendo *o adjetivo* – na teoria estrutural – em 1923, quando Freud introduz o id. Este inconsciente ganha renovado fôlego teórico com o amadurecimento da psicanálise como ciência ao se defrontar com os desafios clínicos e deixa de ser apenas fruto do reprimido tal qual a descoberta inicial do mestre na etiologia da neurose histérica. O sintoma histérico é a revelação do sujeito. A hipnose, que pretendia decifrá-lo para encaminhar a cura, é a pré-história da psicanálise. Com a associação livre do paciente e a atenção flutuante do analista, o método funda-se em uma teoria e esta concretiza-se no método.

Na segunda tópica, este “inconsciente passado” (Sandler, 1994) alberga também as marcas mnêmicas que não são reprimidas porque nunca foram conscientes. Elas são da ordem do impensável, do indizível, do irrepresentável. Por isto, a análise é interminável na sua essência. O analista, com a sua mente analisada e re-analisada – tarefa nunca acabada –, com o exercício de auto-análise, com a função intuitiva treinada, com seu acervo conceitual, com a sua maturidade (Freud, 1937) na experiência emocional compartilhada no jogo de transferência e contratransferência, instaura um *setting* que é o guardião do trabalho e aproxima-se desse inconsciente num movimento de reconstrução através de hipóteses imaginativas.

Laplanche (1996) conceitualiza a psicanálise fora do tratamento como “psicanálise aplicada”, “psicanálise transposta” ou ainda “psicanálise extra-muros”, isto é, aquela que se pratica fora do consultório. O cercado instaurador do *setting* analítico remete-nos ao traçado de fundação das cidades como cerimônia simbólica. Rezende (2002) associa estas muralhas às fortalezas medievais para enfatizar o refúgio do analista no seu *setting* habitual. Penso que cabe distinguir a imperiosa condição de um *setting* para garantir o processo na psicanálise clínica, em que o analista, muito longe da suposta “proteção”, está exposto, com disponibilidade mental para acolher a turbulência emocional e a violência de tempestades variadas. Concordo com Rezende

quando, ao enfatizar as muralhas, parece-me, pretende nos alertar ante uma postura defensiva do analista, qual seja, um dos perigos da perversão do *setting*: a sacralização. Entretanto, importa estar atento à possibilidade de uma outra perversão do *setting*, a sua manipulação. A clínica tem sido o terreno fértil e privilegiado para a investigação, criação teórica e sua validação. O pensar psicanalítico, com a autoridade de suas realizações terapêuticas na clínica em cem anos de existência e o seu estatuto científico, conquista o seu lugar para interpretar as manifestações humanas mesmo quando o que tenha a dizer incomode justamente pela natureza de sua revelação.

Este filme, *Tudo sobre minha mãe*, é o escolhido para esta abordagem pois, como psicanalista de crianças e adolescentes, penso que ele nos defronta com os desafios clínicos eternos da psicanálise, a *patologia*, em diversas manifestações: suicídio (acidente), drogadição, transexualidade, perversão, psicopatia, transtornos da identidade. Esta criação tem o mérito, na minha aproximação estética e científica, de revelar a gênese, a etiologia do *pathos* grego encarnado nos personagens, assim como o percurso das transformações e a importância do berço mítico, cultural e familiar que aninha fantasias, angústias, desejos, em que histórias coagulam-se numa perspectiva transgeracional na origem da concepção de todo ser humano.

O avanço teórico da psicanálise resgata, neste novo milênio, o *lugar do objeto* na estruturação da subjetividade. A crítica ao solipsismo da psicanálise não pode ser atribuída à herança do mestre, quem sempre ressaltou o desamparo da criatura humana e sua dependência. É verdade, no entanto, que, em certos momentos teóricos cruciais, o criador da psicanálise centra a sua interpretação apenas no psiquismo individual. O mito de Sófocles, *Edipo Rei*, permite-lhe conceitualizar o “complexo nuclear das neuroses” e formular teoricamente seu próprio complexo, descoberto pela auto-análise após a morte de seu pai. Enquanto o incesto e o parricídio são aprofundados a partir do personagem Édipo, a importância e qualidade psíquica dos objetos edípicos – Layo e Jocasta – (Faimberg, 1996), que deixam as suas marcas no inconsciente do *infans* e estruturam seu *self* vulnerável, sendo partícipes do trágico destino como figuras de identificação primária, são silenciados. As complexas relações dialéticas em todas as direções da configuração triangular são negligenciadas.

Destaco deste filme temas específicos pela sua vigência e importância, sem a pretensão de abarcar toda a riqueza e os mistérios da obra de arte. Toda criação é uma revelação do autor, todavia, não é a subjetividade de Almodóvar o meu alvo. Os personagens do filme, postos em cena, realizam o que não podem sonhar. São eles os convocados para estas considerações, além e aquém do sentido que eles possam encarnar no mundo psíquico do autor.

O enredo do filme "Tudo sobre minha mãe" (1999), do cineasta Almodóvar.

Em Madri, Manuela trabalha como enfermeira num hospital no departamento de transplantes. Em sua casa, seu filho Esteban, um jovem de 17 anos, escreve em seu caderno de notas. Ele assiste ao filme “Tudo sobre Eva”, metaforicamente remetendo a “Tudo sobre minha mãe” a partir do recurso *mise-en-abîme*, responsável pelo efeito de espelhamento. Pretende *ser* um *escritor* e, ao narrar a vida de sua mãe para enraizar a

sua novela familiar (Freud, 1908), dizer de sua dor ante os mistérios de sua filiação, conhecida e desconhecida. No álbum de fotos, encontra uma delas em que figura apenas sua mãe e em que lhe falta uma metade. Em sua vida também tal metade está ausente.

O jovem, no sonho de vir a ser um escritor, estava à procura do sentido de sua vida, de sua história. No dia de seu aniversário – *dia de um inventário existencial* –, evoca a constelação em torno de sua origem: assiste com sua mãe à peça teatral "Um bonde chamado desejo", de Tennessee Williams. Pela identificação com os personagens, exorciza e dá voz ao indizível quando se defronta com o desafio de construir a sua identidade. Da mesma perspectiva *mise-en-abîme* (espelhamento), o seu conflito mais profundo é cenificado: não havia no casal da peça uma ligação amorosa para albergar o filho como criação transcendente.

Ao final do espetáculo, aguardando pelo autógrafo da atriz Huma Rojo, Esteban pergunta novamente sobre seu pai e tem da mãe a resposta de que ela lhe contará tudo assim que chegarem em casa. A atriz deixa o teatro e o garoto sai correndo na chuva ao seu encontro, quando é fatalmente atropelado.

Manuela, após a morte do filho, viaja a Barcelona, terra de onde havia fugido quando ficara grávida de Esteban. Esta mãe vai realizar então os desejos do filho morto-vivo. Lá, Manuela reencontra sua velha amiga transexual Agrado e, juntas, procuram um trabalho por meio da ajuda de uma comunidade de freiras. Conhece Rosa, uma jovem freira que tenta auxiliá-la oferecendo-lhe um emprego na casa de seus pais, uma mãe mentalmente perturbada na sua tirânica arrogância, que falsificava quadros de Chagall, e um pai idoso e esclerosado, mentalmente perturbado, que tinha o velho cão da família como companhia. Manuela, candidata para o trabalho de cozinheira e enfermeira particular, porém, é recusada pela mãe de Rosa no auge do dogmatismo moral. Rosa, por sua vez, descobre em Manuela uma amiga e um apoio para o "inesperado" destino com que se deparava: descobrira-se grávida de Lola - o pai de Esteban, um psicótico transexual -, a quem ajudara poucos meses atrás e que havia desaparecido. A tragédia completa-se com Rosa descobrindo-se contaminada pela AIDS.

Concomitantemente, Manuela também encontra, trabalha e constrói uma amizade com a famosa atriz de quem o filho *alucinadamente* tinha querido o autógrafo negado no início do filme. A mãe enlutada tem, então, a oportunidade de voltar a representar Estela, personagem da peça teatral, como sempre o fizera na sua juventude, sendo Kowalski o seu marido. No palco, vem a substituir Nina, uma jovem artista viciada.

No desfecho, Manuela encontra no cemitério, durante o enterro da amiga, o pai biológico dos dois filhos batizados com seu mesmo nome. Esteban-Lola, o pai, psicótico e transexual, é capaz de compaixão; comove-se ao saber dos filhos e receber suas fotos. Ele parece aproximar a sua participação no enredo thanático compartilhado.

Manuela "adota" o bebê órfão, filho da jovem freira portadora de AIDS. Novamente, tenta fugir de Barcelona, mas, desta feita, retorna à terra de origem do filho

adotado salvo da doença hereditária, quem participará de um projeto de pesquisa científica.

Destaco como minitemas:

1) Adolescência, crise de identidade. Confronto Geracional. Esteban e Rosa.

2) Quando os acidentes provocam mortes anunciadas.

3) A história como realidade psíquica. Verdade e Eros. Mentira e Thanatos.

4) O perigo do *infans* adotado como reencarnação do filho morto-vivo.

5) AIDS, a nova praga de Tebas.

1) Adolescência, crise de identidade. Confronto Geracional. Esteban e Rosa.

Adolescência tem uma dupla e paradoxal origem etimológica. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando a condição ou processo de crescimento. Mas *adolescência* também deriva de *adolescere*, origem da palavra adoecer em termos de sofrimento emocional ante as transformações mentais. Neste trabalho, destaco e centro-me na importância do background familiar interno e externo para elaborar essa necessária crise, assim como a importância do Outro na reestruturação da identidade.

Tanto o jovem Esteban quanto Rosa, a vítima de AIDS, estão à procura de uma identidade, sexual, profissional e ideal. Os pais entram em cena porque a independência desejada implica o questionamento dos vínculos existentes com o passado para atravessar a cesura a que a adolescência obriga na procura de renovados sentidos. O novo nascimento metafórico exige uma reedição da situação edípica, em que a diferença sexual e a diferença geracional são postas em cena. O remanejamento da identidade na adolescência exige modificações nas relações inconscientes com as figuras de identificação primária e secundária, em destaque para aqueles que constituem o seu superego, bem como exige ainda fazer face ao enorme trabalho de elaboração do luto relativo aos primeiros objetos de investimento libidinal. Os pais de ambos os jovens não podem exercer a função de *rêverie*, nem sustentar os lugares edípicos na triangulação estruturante da subjetividade. Ante a incapacidade de incentivar os filhos e a si próprios à mudança catastrófica, isto é, atravessar a brecha da cesura, célebre encruzilhada, estes pais, porque doentes, são cúmplices inconscientes da catástrofe na compulsão repetitiva.

Será que Rosa não suplicava, através da ordem religiosa, uma *outra família* e uma *neo-realidade* como salvação diante do sofrimento pelo desamparo psíquico de seus objetos primários de identificação? Para Winnicott (1979), os grupos simbolizam a casa da qual a criança se separou e que, na fantasia, foi destruída. Só que Rosa é brutalmente rejeitada, assim como o seu filho inicialmente, quando volta com Manuela para Madri. O pedido de trabalho para a amiga é uma forma mascarada de suplicar pelo socorro sempre negado. Esta menina-moça, como sempre, não é compreendida, não tem

acesso à função materna suficientemente boa, não pode, na convivência, assegurar-se para talvez re-significar as experiências infantis. Ela é interpretada como extraterrestre pela mãe, que se pergunta “Que fiz de errado?”

O afastamento do lar não é crescimento, é a catástrofe, o colapso. Antes de se descobrir grávida, ela queria mudar-se para El Salvador, cenário de guerrilha, para substituir freiras assassinadas, talvez identificadas com os jovens sofrendores perante a cruel autoridade governamental e com as colegas mortas à procura de salvação. Em que luta interna ela se debatia? A mãe percebe o perigo do suicídio e acusa-a de parricídio, sem perceber o filicídio na origem. A psiquiatria é conclamada como insulto e ataque, donde afloram os eternos preconceitos sobre a loucura. A mãe a projeta na filha que, a seu turno, devolve a acusação. Será que, na luta entre EROS e THANATHOS, não estava este último em Rosa, no seu silencioso e eficaz trabalho negativo ao retirar o investimento do objeto, cavando a cova para perpetuar a tragédia? Este é o aporte de Freud, enriquecido e transformado por Green (1995).

É a *rêverie* materna (Bion, 1962) a função capaz de ampliar a consciência rudimentária do bebê, numa consciência que se amplia ao dar sentido à relação na experiência emocional. Os elementos BETA do bebê são transformados em elementos ALFA e promovem o crescimento mental. São estes últimos elementos a matéria prima para a memória, o sonho, a aprendizagem, o sonho diurno da vigília, a criatividade. A capacidade de articulação e a plasticidade são suas características fundamentais. Como a *rêverie* é um conduto, a mãe pode fazer circular através dele devoção, paixão, ódio, identificações projetivas patológicas, fantasias, dogmas etc. Sor e Gazzano (1993) ampliam a obra de Bion quando conceitualizam os efeitos deletérios para a mente humana do “menos *rêverie*”. O “*fanatismo*” ganha outro estatuto metapsicológico quando diferenciado da psicose e da transformação em alucinação. Os elementos GAMA que eles apresentam são característicos da não transformação nos estados autísticos fanáticos. Eles são rígidos e aparecem cavalgando sobre certos elementos ALFA. Esta abordagem, penso, é questionada na comunidade científica pela necessária idealização das figuras parentais e pela dor ante a própria realidade psíquica desamparada na sua essência. A *rêverie* é muito aceita quando é benigna, mas sua versão hostil é quase recusada. O mesmo impacto causou na história da psicanálise o controvertido conceito de pulsão de morte (Freud, 1920).

Esta precisão conceitual autoriza, do vértice psicanalítico, levantar a hipótese sobre a função e o uso que a ideologia pode vir a ter na mente adolescente. Mascarados com os nobres e necessários ideais humanitários de justiça, liberdade, democracia, soberania etc., a organização fanática da mente deteriora e degenera tais ideais quando eles são palavras vazias, usadas e conservadas apenas como transporte para o dogmatismo. A história da humanidade não deixa de nos assombrar ante a evidência da capacidade humana ora para a criação transcendente, ora para a atroz crueldade. Rosa adere ao fanatismo quando aborta as possibilidades de transformação. Ela não pode agir criativamente porque está privada da possibilidade de pensar e agir com base na percepção da realidade (Freud, 1911). O pensamento cívico e político responsável exige tomar consciência das necessárias transformações intersíquicas, intersubjetivas e sociais. Na sua vulnerabilidade psíquica e seu atroz desamparo (Costa Pereira, 1999), enraíza-se a dependência ao líder. A pertinência ao grupo, em que identificações entram

em jogo e cada integrante representa um aspecto do *self*, é crucial na adolescência. A questão é que, por meio do grupo religioso dogmático, ela quer, falsamente, encobrir a sexualidade genital. Na ajuda à guerrilha, com a possível morte heróica, ela deseja ser salva; não pode fazer face à sua própria revolução identificatória. Ambos os grupos - o religioso e o político - são os paradoxais espaços potenciais para a transição, no dizer de Winnicott (1993). O verdadeiro processo de independência e separação das figuras de identificação primárias está impedido porque partes loucas dissociadas de seu *self* aninham nesse estranho casal parental de quem ela quer tomar distância. Esta jovem teme pela catástrofe já acontecida, a contaminação mental pelo dogmatismo e patologia familiar. A fuga é o seu apelo. A tragédia, seu destino.

Ambos os personagens, Rosa e Esteban, mergulham na turbulência emocional da crise adolescente e, para livrarem-se da ansiedade catastrófica, dissociam o próprio aparelho de pensar. O corpo e a atuação substituem o doloroso trabalho de elaboração mental, o pensamento, na tentativa de evadirem-se da angústia transbordante que não podem transformar. Destaco, à luz deste filme, que o trabalho de reconstrução e re-significação dos traumas marcados no inconsciente passado, sempre presentes através de seus desastrosos efeitos thanáticos, são abortados também pelas falhas dos respectivos casais parentais. Manuela sempre posterga revelar a origem do filho. A mãe de Rosa “expulsa-a” quando retorna com a sua amiga. Ela não pode encontrar-se com a sua filha moribunda quem lhe mentiu, ao dizer que estava no Salvador. Rosa não espera NADA da mãe, que confessa a sua eterna incapacidade de compreensão. Em outra cena, quando a jovem percorre a praça de sua infância, antes de ser hospitalizada para dar à luz, o cachorro da família atende a seu chamado e vai ao seu encontro no táxi. O pai sentencia: “ele vai com qualquer um”; este homem não reconhece a própria filha. Ambos os pais são personagens desqualificados, desprezados pelas mulheres autoritárias, na dignidade da condição humana e na masculinidade. A *função paterna* é impossível.

O sentimento de desastre (Bion, 1965), a ansiedade ou angústia catastrófica (Meltzer, 1998), as agonias primitivas de Winnicott (1993) explodem nestes adolescentes ao não serem contidas pelas falhas na função materna e paterna para serem transformadas, quando a vulnerabilidade psíquica compromete e aprisiona o incipiente aparelho mental de ambos os jovens. É preciso reparar o *self* antes de reparar o objeto. Os efeitos inomináveis e irrepresentáveis do *inconsciente* não podem transformar-se em efeitos significativos de história (Aulagnier, 1991). Os jovens não podem vir a se conhecer e saber de si mesmos para forjar o espaço mental, construir a subjetividade, pensar, simbolizar, criar, reparar. Aqui a psicanálise ganha todo o esplendor de sua eficiência clínica e científica. Psicanálise é transformação. O deterioro mental, câncer metafórico da subjetividade, pode chegar a ser mortal. Outra talvez poderia ser a história destes jovens se psicanalisados.

2) Quando os acidentes provocam mortes anunciadas.

Para a psicanálise, o acidente mortal de Esteban, posterior a uma cena de perigo em que o jovem arrisca a sua vida, salva pela pronta freada do condutor de um outro carro, em que se segue um berro espantado de sua mãe, coroa uma morte já anunciada.

A “acidental contaminação de AIDS” de Rosa por Lola é também uma complexa tentativa de suicídio bem sucedida. Não é uma simples besteira como moralmente o médico a acusa, ao invés de compreendê-la. Os acidentes podem ser atribuídos ao azar com a intenção inconsciente de mascarar as motivações plenas de sentido à luz da psicanálise, tal como Freud descobriu nos atos falhos. A intencionalidade é disfarçada, a auto-agressão trágica tenta ser negada, a significativa trama regida pela lógica do inconsciente escamoteada, a culpabilidade e o masoquismo recusados quando se responsabiliza a casualidade ou o destino. Para Freud, os fatos são desconhecidos e incognoscíveis assim como para Bion, Platão, Kant, Newton, Milton. O vértice psicanalítico não autoriza afirmar um determinismo linear e causal. É a minha intenção convidar o leitor a encontrar os sentidos possíveis na trama psíquica singular dos personagens autores destes acidentes expressivos.

Esteban apresenta uma grave dissociação na sua personalidade. Ele sepultou e quer resgatar um pai desconhecido. A mãe oferece, com mentiras e segredos sobre a morte real do pai, a oportunidade para que este apareça na consciência como um cadáver. A identificação com o objeto letárgico, o pai morto-vivo, a metade que lhe falta, irrompe bruscamente no eu e provoca o acidente (Cesio, 1970). Lola é objeto de identificação primária, do eu ideal, e personagem da situação edípica primária. Ele impulsivamente corre em direção ao carro onde está a artista que representou, na cena teatral, Blanche. Na crise adolescente marcada pelo trânsito da infância à vida adulta, ele não pode se separar da mãe e mudar para reestruturar-se sem a presença mental do pai. No nível manifesto, ao correr, Esteban dela se distancia. Ao morrer, ele atropela-se em seu destino. Este jovem perpetua sua origem dentro da mítica Terra-Mãe, o abismo primordial na simbiose primitiva. Pela morte, identifica-se com Lola, o pai morto. No nível latente, ele procura, através do autógrafo da artista, o atestado de ser o delinqüente retardado. É a tentativa abortada de construir a situação triangular incluindo ao homem, recuperado através do personagem da peça teatral, Kowalski, com quem Esteban busca uma identidade mesmo que negativa. Apelo impossível, porque a mãe e ele estão prisioneiros de um mundo imaginário em que a função paterna foi recusada. Esteban quer saber sobre a difícil confissão prometida de sua história sempre postergada. Quer saber de um “pai parteiro” e, de sua mãe, encontrar a guia e pistas para dizer de sua agonia, dos terrores sem nome, das angústias catastróficas, dos buracos negros pela impressão da metade em falta. Ante a dor já sofrida que ele projeta no futuro, defensivamente dela foge para sempre com violência. Suas súplicas de socorro não foram escutadas a tempo. Pela sua morte, ele rompe com o sofrimento, destruindo a sua vida à procura de um renascimento, uma “libertação”, uma “outra vida”. A fantasia de morrer é especular e simétrica com a de nascer. A morte é o enigmático limite, o outro lado do nascimento. A tumba e o berço hospedam o homem.

A mãe é notificada da morte do filho, no hospital onde trabalhava como enfermeira, pelo médico da equipe com quem dramatizava o pedido de doação de órgãos aos familiares dos pacientes que iam a óbito. Manuela é quem autoriza, desta vez, a doação do coração de Esteban, que encontra então um homem em quem palpitar.

Esta mãe encarna seu filho que ainda não pode enterrar e realiza o seus desejos quando viaja a Barcelona em busca de Lola, a quem encontra após percorrer os labirintos do deterioro mental: drogadição e perversão. Percurso este que não pode ter

com seu filho simbolicamente, pois esta encruzilhada sinistra é para ela inominável e a condena à prisão. O trabalho de elaboração mental seria o caminho que só talvez possa vir a percorrer com o filho adotado. Ela sabe das razões que provocaram o “suicídio” – mascarado de acidente –, expressivo da trágica catástrofe psíquica.

Rosa, por sua vez, apenas pode expressar na acidental “gravidez e contaminação” do seu ser uma forma primitiva e urgente de pedir ajuda para “salvar-se”. Ela castiga-se com a autodestruição ao revelar a “relação sexual” proibida. Atua por meio do pedido de ajuda concreto de Lola para desintoxicar-se, com quem se identifica narcisicamente e em quem espelha a impossibilidade de alcançar uma identidade sexual, num contato sensorial, bidimensional, superficial, quando o amor simbólico é inalcançável. Repete o trauma de sua origem ante uma “mãe morta” (Green, 1988) e uma cena primária que, na sua crueldade, condena a prole à orfandade e sacramenta sua eterna morte psíquica.

Ela renasce. O acidente é abertura quando ela entra em contato com a sua penosa realidade, reconhece a sua história e deixa para seu filho a promessa da verdade possível. Na sua linguagem, este acidente expressivo e assumido é a oportunidade para vir a ser uma mãe psiquicamente viva, presente amorosamente para o seu bebê com o legado possível de verdade, capaz de uma função de *rêverie*, em *at-one-ment*. Manuela entra em contato mental com o bebê, sonha e alberga nas fantasias (quem sonha e alberga?). Com ele se identifica para vir a SER.

Esteban e Rosa permitem que seus acidentes sejam equiparados à formação de um sonho (Granel, 1976). As idéias latentes enlaçam-se com a situação conflitiva adolescente, o processo primário irrompe no precário espaço mental. Eles são sonâmbulos acordados que “falham” no seus atos. O acidente é, à diferença do sonho, a atuação da tragédia ao invés da elaboração psíquica. Mas, como o sonho, ele é revelação de sentidos, desejos, angústias, fantasmas inconscientes. Ele também é uma condensação de mensagens, um berro que acusa, compromete, critica, suplica pelo outro.

Não buscaria Esteban, o adolescente "suicida", encontrar, no além, um desconhecido "pai morto"? O acidente é a tentativa de dar forma a um trauma cumulativo na compulsão a repetir thanaticamente a tragédia. Trata-se da mentira quando o pai é apresentado como morto sem tumba; o segredo que aborta a possível representação e simbolização; o silêncio que alimenta um espectro sinistro para que, nunca sepultado, sempre ressuscite. Um pai morto-vivo é encarnado no adolescente que adoece à procura de sua identidade. Ele é privado das possibilidades de representação, isto é, de mediatização, de terceirização.

A escrita seria o caminho promissor para elaborar criativamente, ao invés de repetir a sua história. Para tanto, ele precisaria ser consciente dela para re-significá-la. Aqui a clínica psicanalítica alcançaria seu esplendor. No entanto, em vez de escrever uma tragédia, num processo criativo, Esteban a atua num suicídio disfarçado de acidente. A mãe realiza então concretamente a travessia suplicada pelo filho, na impossibilidade de entrar em contato com a realidade psíquica e contar sua história.

3) Verdade histórica. Realidade psíquica. Verdade e Eros. Mentira e Thanatos.

Para Freud, Bion, Lacan, a verdade é imprescindível na constituição da subjetividade. A psicanálise posiciona-se corajosamente como busca de verdade.

Em Bion, a compreensão da verdade é uma experiência emocional compartilhada (Rezende, 2002), porque a personalidade é concebida como uma estrutura de relações. Assim como há um “aparelho perceptivo sensorial”, existe também um “aparelho perceptivo emocional” (Bion, 1961). A experiência de verdade faz-se do início como *desvelamento – alethéia* com o sentido de não encobrimento, que pode ser *recordada, alhéteia*, com o sentido de não esquecimento –, e perfaz-se como *concordância*, isto é, como verdade compartilhada *at-one-ment*.

Em trabalhos anteriores (Lisondo, 1992; 1999) levantei a hipótese de que Édipo fura os olhos e fica cego quando é *informado da verdade* pelo criado, porque a *correspondência ao real* e a *coerência* dos fatos de sua história não lhe permitem o acesso a um saber – vínculo “K” em direção a “O” – sobre a sua realidade psíquica. Ante a falta de uma experiência emocional apaixonada – síntese do vínculo K, L, H, sem intrusão – ele não pode mentalizar, elaborar e re-significar a sua história. Ele transborda em angústia de morte e atua. Cego, deixa como legado para a humanidade a impossibilidade da percepção e consciência de uma verdade existencial quando ela não é doação amorosa dosada da *função materna, função paterna* e/ou a *função analítica* para conter, nomear e significar o impensável.

Ambas as mães dos adolescentes que protagonizam o filme – Esteban e Rosa – têm uma relação perversa, pois destrutiva, com a realidade. O ódio à realidade está ligado a uma verdade insuportável que deve permanecer oculta. A mente humana equipara a falta de significado a um roubo ou despojo. É através da continência, num vínculo de amor, ódio e /ou conhecimento, que o significado pode ser gestado. Todas as formações de verdade são, para Green (1996), transformações dos vínculos de amor e ódio.

A falta de reconhecimento, a desqualificação do pai pela mulher priva o filho do “Nome do pai”. O paradoxo é que, no filme, o adolescente suicida leva, sem saber, o nome de seu pai. A triangulação edípica está sempre presente. No registro narcísico, a mãe atribui-se o poder de recusar a *realidade da existência do pai*. Há uma transgressão da lei da filiação. Este é o vértice por mim privilegiado como alerta sobre as conseqüências trágicas quando *o infans* é privado de um lugar simbólico na situação edípica. A *função materna e paterna* são fundamentais para construir a subjetividade. “Tudo sobre Eva” enraíza a tragédia na mulher que, ao querer ser “Tudo”, não aceita a castração desde os primórdios míticos da humanidade, ou seja, um ser humano com uma identidade sexual, capaz de simbolizar, pensar, representar, reparar, criar, sublimar, perdoar, amar, odiar e conhecer, no percurso para vir a ser intérprete de si mesmo e do mundo, ao invés de interpretado.

Esteban e Rosa não podem construir a *subjetividade*. A maternidade pressupõe a existência e o reconhecimento do pai na triangulação edípica. Para Lacan (1966), o

Nome do pai permite a instauração da lei, o acesso ao nível simbólico. Manuela não pode assumir a sua identidade *sexuada*, a *limitação* da condição humana. Ela realiza o auge da completude. O filho é o seu falo, tudo na sua vida para sustentar a sua existência. Indago se o vir a ser enfermeira e trabalhar especificamente com transplante de órgãos não seja outra forma de recusar a morte e a castração. Tal o modelo do *fetichismo*. O morto está morto, e paradoxalmente recobra a vitalidade através do órgão transplantado.

O ódio à verdade é a falta de respeito aos acontecimentos, derivado da intolerância à dor ante a frustração. Este ódio gesta mentiras, falsificações, evasões, segredos, alucinações, ficções, fantasias. No filme, a morte de Lola é contada como morte real. A rejeição de Rosa da casa de sua infância quando esta filha pede trabalho para a sua amiga é atuada com a violência da mentira. A mãe da freira falsifica obras de Chagall. Ela é uma impostora.

Em Bion, a inveja e a voracidade produzem um efeito desastroso, o vínculo (-K), parasitário e destrutivo. Manuela apela à identificação projetiva massiva para despojar em Lola sua transexualidade. Um superego cruel é conclamado nesta atuação sexual e na perpetuação da mentira e do segredo. O vínculo K implica a tolerância a um não saber e abre as possibilidades do descobrimento e do contato com o desconhecido (de K para O). Ele permite a formação de símbolos.

A cada representação teatral de “Um bonde chamado desejo”, peça que marca a vida de Manuela ao encarnar o papel de Estela, ela procura elaborar o trauma de sua perturbada relação com Lola, a rejeição encarnada na irmã, a gestação, a fuga. Os questionamentos do filho não conclamam a revelação sobre a sua concepção, a existência do pai transexual, a perturbada relação sexual, a migração para Madri para fugir de Lola e sepultar os capítulos de sua novela familiar sempre reeditados. Manuela evita entrar em contato com seu mundo interno. O filho é testemunha desta história atualizada no presente perante a cesura da adolescência.

O questionamento do filho exige que a mãe mergulhe na própria alma. A perturbada relação perversa que gerara o seu filho condensavam feridas em carne viva, que ela dilacerava cada vez mais, sem ser consciente da repetição. Quero destacar o estrago do segredo, do não dito, do sinistro, da mentira sobre a origem "acidental" da vida deste personagem. Ser mãe de Esteban é poder oferecer na sua adolescência as “verdades possíveis” através do poder da palavra afetiva, para a necessária reconstrução da identidade de ambos. A mãe evita o necessário questionamento do filho como objeto edípico e epistêmico. Ele pergunta se a mãe seria capaz de se prostituir por sua causa. Ela aceita já ter feito qualquer coisa pela sua vida. A realidade psíquica materna não permitiu que as questões do filho, um legítimo querer saber – diferente da curiosidade invejosa e voraz (Bion, 1962) –, fossem a oportunidade para criar os pontos de inflexão para a mudança estrutural, ao invés de perpetuar a compulsiva repetição thanática. Dar nome à coisa.

Para Manuela, o estranho, o retorno do reprimido, é familiar, motivo de ocultamento, segredo e mentira. Ao enterrar um pai vivo, ela evita fazer face ao terrível sofrimento de sua vida psíquica. O *sinistro* (Freud, 1919) não está só na escolha deste parceiro – Lola – transexual. A transgressão é atualizada quando uma mulher, no auge

da onipotência, *tudo quer ser e fazer*. A recusa de um pai, mesmo que biológico, a mentira sobre uma morte sem tumba, privam o filho da triangulação e do conhecimento possível da existência paterna. No registro narcísico, Manuela era tudo e quis tomar posse dominando as leis da vida, recusando o seu Outro: Lola. Na adolescência, Esteban quer, através da *palavra* escrita, dar sentido, simbolizar e encontrar o Outro, na novela da vida de sua mãe, mas cujo “suicídio” transforma-na em tragédia. O jovem foi quase cúmplice no pacto simbiótico, imaginário, dual, especular, narcísico com a mãe. Sem o outro da mãe, ele é vítima da trama de sua origem, origem de sua história, escondida e estranha. É a palavra plena da mãe que cria, no pré-consciente, a representação de palavra (RP), que alinhava a representação de coisa. Na RP, o pulsional coagula-se com a palavra. É a mãe quem reconhece o filho.

Rosa não aborta o filho. No leito de morte, pode reconhecer a sua *patologia* no “acidental” encontro sexual com Lola, quando procuravam ambos uma desintoxicação mental, bem como reconhece a existência de um pai transexual na concepção de seu filho. Ela lhe deixa como herança uma lição *ética de amor e verdade*. O sofrimento compartilhado com Manuela lhe permite assumir ser aquilo que ela é. Rosa aprendera na carne os efeitos deletérios das mentiras. Mas, quando lhe dá o nome do pai e do adolescente suicida, ela tece um projeto identificatório perigoso para o terceiro Esteban. O pai deixa uma má herança. Este filho adotado, ao final do filme, é portador, entretanto, da esperança de uma nova vida. Ele negativiza o vírus. Não está contaminado com AIDS, encarna a esperança de poder vir a ser diferente do pai ao saber dele. O poder da luz promissora da verdade amorosa ilumina a origem de sua vida. **Esta verdade abre o portal da ordem simbólica – ser filho deste pai e desta mãe – e pode libertar o bebê da prisão sufocante dos segredos e mentiras da identificação primária, dual, narcísica, imaginária, especular e mortal.** (repetido abaixo) A sua mãe adotiva, o Outro, terá importância crucial no seu destino.

Lola erradica o sexo real do parceiro. O falso sexo real é o sexo imaginário camuflado. Rosa aceita-o na sua humanidade psicótica compartilhada. Manuela, por sua vez, enterra-o e “enterra-se” pelo ressentimento, pela culpa, pelo prejuízo na sua identidade e, com ele, sepulta o filho. Ela, porém, aprende a cuidar das feridas de sua alma quando pode simbolicamente sepultar o seu filho, aceitar e compartilhar a sua dolorosa história posta em cena pela amiga com quem se encontra espelhada, e promete então contar a verdade para o bebê que adota, portal de uma vida e uma maternidade diferente, a partir deste outro filho que lhe oferece a oportunidade de uma verdadeira reparação simbólica.

A questão para a psicanálise, é importante ressaltar, não reside na verdade material, mas sim nas aproximações à verdade psíquica.

4) O perigo do *infans* adotado como reencarnação do filho morto-vivo.

Após a morte do jovem, Manuela segue o paciente que recebera o coração de Esteban por ela doado. Ela deseja a ressurreição do filho morto na reencarnação do paciente. O trabalho de elaboração do luto exige matar o filho morto. Posteriormente, ao adotar o bebê, Manuela corre o risco de marcar com a cruz do filho morto o destino do

filho adotado. Culpada, possuída, pode identificar-se pela ambivalência com o filho morto e buscar um renascimento no/e com o filho adotado. No desejo impossível de "reavivar" o adolescente escritor, num luto patológico, não elaborado, trava-se o caminho para a constituição da nova identidade do bebê, prisioneiro de um pacto de continuidade – *carregar o peso e ter que ser o morto vivo* – num berço-cova, imaginário, mítico, histórico e cultural sinistro.

Na minha interpretação, o bebê Esteban, novo xará, está com a expectativa de ser liberto da praga da mentira e da ocultação porque a ex-freira, sua mãe, no leito da morte, reconhece, na origem da vida do filho, a presença de seu pai transexual com compaixão. Esta mãe moribunda suplica e Manuela lhe promete que o seu bebê virá a saber da verdade da mãe, do pai e da relação entre ambos. Este desejo materno póstumo deixa como herança o portal para a re-significação desta vida, a gestação da humanização no berço da simbolização. Isto implica coragem para aceitar a morte antes da hora, as limitações, a loucura que a levou à gravidez indesejada e à contaminação com AIDS no auge da sexualidade primitiva. A ex-freira morre, como ironia do destino, ao parir o filho. Este bebê, ao ser adotado, já sofre traumas cumulativos - o trauma do nascimento, a dilaceração do *self* ao perder a necessária vivência de continuidade e a simbiose original com a morte da mãe real, as mudanças repetidas dos objetos analíticos – tese minha sustentada anteriormente (Lisondo, 1999).

Este bebê que nasce ao final do filme é quase amarrado na repetição compulsiva ao espiral thanático e "arrancado" do lugar da origem quando foge com Manuela de volta a Madri. Barcelona é a terra maldita. Os avós maternos projetam no neto o vírus mental que querem silenciar. O contágio, a re-introjeção, é perigoso. Há uma conexão sucessiva de nós existenciais trágicos entre as duas mães. No dizer de Berenstein (2001), a determinação dos lugares é o predisponente na construção da subjetividade. O nome comum pode confundir e alienar identidades que não podem discriminar-se quando enraizadas em perigosos desejos maternos e paternos. A mãe adotiva foge, no nível manifesto, dos perturbados avós maternos, assim como Rosa deles também fugia. No nível latente, ela volta a fugir da terra da origem de Lola, pai dos dois filhos, do deterioro mental. Thanatos evidencia o poder do círculo maligno quando sua meta é parar e atacar os vínculos para dissecar o sentido. **(continua fazendo sentido esta última frase após leves alterações?)** Mas EROS permite que a vida, a esperança, o projeto da renovação do vir a ser, o esforço de des-identificação conquiste embrionariamente seu espaço. Este novo bebê Esteban não está contaminado. Ela retorna a Barcelona, volta ao passado, à terra da origem para talvez iniciar outra vida. O filho adotado, salvo da metafórica praga da AIDS, permitirá a investigação científica para que a vida seja preservada. O pensamento científico opõe-se ao pensamento primitivo. O Esteban adolescente "matara-se" em Madri, a trágica e sinistra origem de sua vida encontrava-se em uma cripta enclausurada pelo segredo. A fuga geográfica não garante a reconstrução da vida. A enfermagem é, para Manuela, uma numa tentativa reparatória. Através da doação de órgãos, há um transplante "de vida" do cadáver para o doente. Ela não pode, entretanto, dar sentido à sua vida, reconhecer a existência do homem, que matou na sua fantasia, para que seu filho pudesse criar a sua história. **Esta verdade abre o portal esperançoso da possível ordem simbólica – ser filho de papai e mamãe – e liberta o bebê da prisão sufocante dos segredos e mentiras da identificação primária, dual,**

narcísica, imaginária, especular e mortal. (repetido acima) O pai é desenterrado da cova da perversão e da promiscuidade.

5) AIDS, a nova praga de Tebas.

Sustento a hipótese de que a sinistra doença AIDS, quando contraída pelo contágio sexual facilitado – como Rosa e Lola exemplificam –, ou pela drogadição, desafio humano do novo milênio, seja a realização contemporânea da mítica praga tebana.

A rede de intrigas, mentiras e segredos que geram a praga em "Édipo Rei" são magistralmente representadas no filme, com a revelação da gênese das mortes dos adolescentes. Há uma estreita significação simbólica entre a devastação da praga – retorno do reprimido ou o retorno do denegado – (Quinodoz, 2001), as mentiras e a inconsciência dos personagens nestas obras de arte. A partir dos conceitos de complexo edípico em Freud, situação edípica na escola kleiniana e configuração edípica em Lacan e Faimberg, a prevenção das pragas humanas precisam ser repensadas como a necessária viagem aos fundamentos das perturbações na estruturação da subjetividade numa história afetiva transgeracional. Só assim o vírus mental pode vir a transformar-se.

Os avós mudam e acolhem o neto, Manuela reencontra a alegria de viver. Em Esteban, o vírus desaparece; na minha interpretação, a verdade humana amorosamente compartilhada é o antídoto.

Bibliografía:

AULAGNIER, P. “Contruir (se) un pasado”. In *Adolescencia*. ApdeBA, v. XIII, n ° 3, 1991.

BERENSTEIN, I. “O vínculo e o outro”. In *Rev. Bras. de Psicanálise*, v.35, n.2, 2001.

BIANCHEDI, E. et al. *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Madrid: Tecnopublicaciones, 1991.

BION, W. (1961) “Uma teoria do pensar”. In *Int. Journal of Psychoanalysis*, 43, 306-10,1961.

_____ (1962) *Learning from experience. (Aprendiendo de la experiencia)*. W. Heinemann, Londres; Paidós, Buenos Aires, 1966.

_____ (1965) *Transformations. Change from Learnig to Growth. (Transformaciones. Del aprendizaje al crecimiento)*. W. Heinemann, Londres; Centro Editor de América Latina, 1968.

CESIO, F. “*El letargo. Una reacción a la pérdida de objeto*”. (Contribución al estudio de la reacción terapéutica negativa). In *Un estudio del hombre que padece*, Ed.Cimp. Kargieman: Buenos Aires, 1970.

DOR, J. *El padre y su función en psicoanálisis*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1998.

FAIMBERG, J. et al. “El mito de edipo revistado”. In *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*, 1996.

FEDIDA, P. *Depressão*. São Paulo: Escuta, 1999.

FREUD (1937). “Análisis terminable e interminable”. In *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, v. XXIII, 1980.

FREUD, S. (1923). “O Ego e o Id”. In *E. S. B.*, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1920). “Más allá del principio de placer”. In *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, v. XVIII, 1979.

FREUD, S. (1919). “De la historia de una neurosis infantil”. In *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, v. XVII, 1979.

FREUD, S. (1911-1913). “Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico”. In *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1980.

FREUD, S. (1906-1908). “La novela familiar de los neuroticos”. In *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1979.

GRANEL, J. et al. “Sobre accidentes, accidentados y el accidentarse”. In *Aportaciones para una teoría general*. Buenos Aires: Centro de Investigaciones Psicológicas para el estudio y prevención de los accidentes, 1976.

GREEN, A. *La metapsicología revistada*. Buenos Aires: Eudeba, 1996.

_____. *El lenguaje en el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

_____. “A Mãe Morta”. In *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GUINARD, F. *O Infantil ao Vivo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LACAN, J. “D’une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose”. In *Escrits*, Paris: Seuil, 1966, pp.531-583.

LAPLANCHE, J. *La prioridad del outro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

LISONDO, A.B.D. “Travessia da adoção – A ferida na alma do bebê”. In *Rev. Bras. de Psicanálise*, v.33, n °3, 1999, pp. 495-513.

_____. “Drama e esperança da adoção: na transferência à luz do impasse”. In *Anais do XIX Congresso Latinoamericano de Psicoanálisis*. FEPAL, Montevideu, Uruguai, 1992, Tomo II, pp. 433-439.

_____. “A re-interpretação da tragédia de Édipo à luz da adoção e dos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo humano”. In *Rev. Bras. de Psicanálise*, v. 26, n °4, 1992, pp. 527-538.

MARUCCO, N. *Cura analítica y transferencia*. Buenos Aires: Amorrortu, 1999.

MELTZER, D. “Símbolo, Signo, Epítome y Quintaesencia”. In *Vida onírica*. Madrid: Tecnipublicaciones, 1998.

OESLNER, R. “Adolescencia: el self en riesgo”. Trabalho apresentado à secretaria científica da ApdeBA. Buenos Aires, agosto de 2000.

OUTEIRAL, J. O. *Adolescer. Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PEREIRA, M. *Pânico e Desamparo*. São Paulo: Escuta, 1999.

QUINODOZ, D. “O complexo de Édipo revistado: Édipo abandonado, Édipo adotado”. In *Livro Anual de Psicanálise*, v. XV, 2001, pp. 9-22.

REZENDE, A.M. “A expansão do universo mental segundo Bion”. Trabalho apresentado ao Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região, 2002.

SANDLER, J. e A.M. “Phantasy and its transformations: a contemporary Freudian view”. In *Int. Journal of Psycho-Anal*, 75: 387, 1994.

SOR & GAZZANO, D.; M. R. *Cambio Catastrófico*. Buenos Aires: Kargieman, 1988.

SOR & GAZZANO, D.; M. R. *Fanatismo*. Buenos Aires: Ananké, 1993.

WINNICOTT, D. “El hogar, nuestro punto de partida”. In *Ensayos de un psicoanalista*.

Buenos Aires: Paidós, 1993.

WINNICOTT, D. *Realidad y Juego*. Barcelona: Gedisa, 1979.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo
Rua: José Morano, 313 – Campinas – SP – CEP 13100-055
Fone: 19-3251-5059 e-mail: alicia.lisondo@uol.com.br